

# O Sermão da Montanha em perspectiva dialógica

## *Mountain Sermon in dialogic perspective*

José Luciano Marculino Leal<sup>1</sup>

Wilder Kleber Fernandes de Santana<sup>2</sup>

Pedro Farias Francelino<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho delimitou como objeto de estudo as relações dialógicas em alguns fragmentos do Sermão da Montanha, mediante as narrativas evangelísticas de Mateus e Lucas, nas quais se incidiu a análise em perspectiva dialógica. Os pontos de vista dos autores conferem, além de comprometimento com o registro de tais escrituras, seus posicionamentos axiológicos. Reportamo-nos a Bakhtin e Volóchinov para fundamentar nossa pesquisa, uma vez que a remissão ao universo cristão, com suas particularidades e símbolos, é recorrente na produção dos estudiosos russos. O *corpus* constitui-se de 3 (três) fragmentos bíblicos relatados por Mateus e Lucas sobre as atitudes e palavras de Jesus. Dessa forma, o discurso citado (ou reportado) se caracteriza pelas diferentes formas de presença do outro, ou seja, presença de diversas vozes sociais resultantes de interações discursivas. Trata-se, portanto, a pesquisa, de uma produção de cunho qualitativo-interpretativo. A versão bíblica que se adotou como suporte e referência para a composição deste trabalho foi a Bíblia ecumênica (1994), publicada pelas Edições Loyola.

**Palavras-chave:** Sermão da Montanha. Dialogismo. Posicionamento axiológico.

### ABSTRACT

This paper delimits as object of study as dialogical relations in some fragments of Mountain Sermon, using aevangelistic narratives of Matthew and Luke, wich includes as analisys in dialogical perspective. The authors' views confer, in addition to their commitment to the registration of such scriptures, their axiological positions. We refer to Bakhtin and Volóchinov to base our research, since the remission to the Christian universe, with its particularities and symbols, is recurrent in the production of the Russian scholars. The *corpus* consists of three (3) biblical fragments reported by Matthew and Luke on the attitudes and words of Jesus. Thus, the quoted/ reported discourse is characterized by the different forms of presence of the other, that is, the presence of several social voices resulting from interdiscursive interactions. It is, therefore, the research, of a qualitative-interpretative production. The biblical version adopted as support and reference for the composition of this paper was the ecumenical Bible (1994), published by the Loyola Editions.

**Keywords:** Sermon on the Mount. Dialogism. Axiological positioning.

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa/PB, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7161-040X>. E-mail: luciano-leal@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa/PB, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7569-499X>. E-mail: wildersantana92@gmail.com.

<sup>3</sup> Docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), *Campus* I. Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). João Pessoa/PB, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6945-1940>. E-mail: pedrofrancelino@yahoo.com.br.



## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Refletir sobre a linguagem, sob a perspectiva do pensamento de Bakhtin e o Círculo (ou da Análise Dialógica do Discurso, doravante ADD), significa debruçar-se sobre um terreno de intensas formulações sobre o discurso e a ideologia, devido à abordagem teórico-analítica utilizada para subsidiar as pesquisas, tais como a incidência sobre o princípio da exterioridade constitutiva dos enunciados. Na perspectiva dos integrantes do Círculo, os sentidos múltiplos, na construção do enunciado, são materializados sócio-historicamente.

Na esfera discursiva religiosa não é diferente, pois ela é, por essência, caracterizada por um emaranhado de fios dialógicos (VOLÓCHINOV, 2017), revestidos por uma complexa rede de posicionamentos axiológicos de sujeitos que se afiliam a contextos e práticas sociais específicas de comunicação social. Assim, partindo do princípio fundante para Bakhtin (2011) de que todo discurso provém de outro, este artigo busca compreender as relações dialógicas no fragmento do texto bíblico do Sermão da Montanha, sob o ângulo axiológico dos autores/apóstolos Mateus (Mt 5 a 7) e Lucas (Lc 6. 17-49).

Destacamos que a versão bíblica mobilizada como *corpus* neste estudo trata-se da Bíblia Sagrada: Tradução Ecumênica (1994), publicada pelas Edições Loyola, justificada pela seriedade nas traduções e pela recepção positiva que teve entre exegetas e hermeneutas, assim como por estudiosos da linguagem no Brasil. Além disso, o manuscrito com o qual trabalhamos, tradução brasileira da francesa *Traduction Oecuménique de la Bible* (TOB), constitui-se como modelo das traduções ecumênicas, devido à sua composição interconfessional de seus colaboradores, além das cuidadosas adaptações realizadas no âmbito da linguagem. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos foram traduzidos e revisados rigorosamente, além de essa versão possuir notas esclarecedoras, conjuntamente a referências de textos paralelos.

É pertinente frisar que não somos pioneiros em mobilizar um estudo científico sobre o Sermão da Montanha, uma vez que muitos outros trabalhos já foram desenvolvidos (ZEILINGER, 2012; CALLIGARIS, 2015; SANTANA; FRANCELINO, 2018). No entanto, por que se faz importante estudar esse sermão na contemporaneidade sob viés dialógico? A pertinência de nosso estudo se dá na investigação histórico-ideológica do sermão, não apenas em contextos exegético ou hermenêutico, mas sobretudo no compreender de sua espaço-temporalidade. Estudar esse sermão sob viés dialógico nos permite averiguar suas condições específicas de produção, buscando compreender como os sentidos



plurais de sua materialidade linguístico-discursiva se atualizam e como podem ser reenunciados em contextos enunciativos diferentes.

Para tanto, o objetivo consiste em analisar as relações dialógicas identificadas na construção dessas passagens, sobretudo em função da maneira como os enunciados revelam discursos de outrem nas estratégias discursivas empreendidas pelos evangelistas Mateus e Lucas ao difundirem a mensagem evangelística.

Cabe ressaltar que, embora Bakhtin<sup>4</sup> não tenha investido, de forma específica, em estudos sobre o texto bíblico, “podemos inferir que os textos do Novo Testamento faziam parte da reflexão teórica de Bakhtin, sobretudo no que toca aos gêneros romanescos” (LEITE, 2017, p. 23). Do ponto de vista metodológico, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de base interpretativista e caráter descritivo/explanatório (DENZIN; LINCOLN, 2006), apresentando como *corpus* de análise o discurso bíblico do Sermão da Montanha (BÍBLIA SAGRADA, 1994).

A escolha desse objeto de estudo se justifica pela necessidade de mais pesquisas sobre o discurso religioso em perspectiva dialógica. É possível encontrar trabalhos voltados para esse tipo de enunciado, mas em perspectivas teóricas discursivas com outros enfoques ou até mesmo em outras áreas da Linguística, como a Linguística Textual. Nesse sentido, cumpre investigar a forma de organização e funcionamento desse discurso de modo a compreender suas possíveis reverberações discursivas (ideológicas, axiológicas, semânticas e linguísticas) nas práticas interativas contemporâneas<sup>5</sup>. Este trabalho se fundamenta na Análise Dialógica do Discurso, a qual se pauta nos estudos de Bakhtin (2002; 2011) e Volóchinov (2013, 2017) e, no que se refere aos pesquisadores da área teológica, buscou subsídios teóricos em McDowell (2013) e Loyd-Jones (2017), Geisler e Nix (2011), entre outros.

Em termos estruturais, este trabalho está dividido em três seções: a primeira, intitulada *Relações dialógicas na ótica de Bakhtin e Volóchinov*, busca discorrer sobre o que são e como se estabelecem relações de sentido entre enunciados para a compreensão da construção discursiva como um todo, o que

---

<sup>4</sup> Com base em Leite (2017, p. 16), “Bakhtin fora envolvido com círculos religiosos radicais no período em que era universitário”, além de participar “das sociedades filosófico-religiosas, como a Sociedade Filosófica Religiosa de São Petersburgo, a Volfila”, e de lecionar cursos pastorais na Irmandade de São Serafim, chegando até a ser exilado devido sua postura de cristão declarado. Contudo, apesar de religioso por convicção, devido à pressão do governo monoculturalista imposta por Stalin, Bakhtin e o Círculo não se dedicaram, especificamente, à reflexão sobre as tonalidades dialógicas do discurso bíblico.

<sup>5</sup> Como sabemos, a religião constitui uma grande esfera da comunicação humana e há uma grande quantidade de textos, a começar pela própria Bíblia, que circula como um tipo de literatura entre milhares de pessoas no mundo inteiro. Ainda é preciso destacar que no contexto sócio-político do Brasil, especificamente, nos últimos dois anos, mais precisamente no contexto das eleições presidenciais de 2018, o discurso religioso fez parte do cotidiano das pessoas, entrelaçando-se de modo muito intenso com as esferas política e midiática.





tangencia a reflexão sobre *O discurso de outrem nos estudos dialógicos do discurso*. Na seção 2, *Um olhar histórico-ideológico sobre o Sermão da Montanha*, adentra-se no escopo arquitetônico (características gerais) da narrativa, assim como suas condições de produção. Na terceira seção, *Relações dialógicas em fragmentos bíblicos*, é apresentada a análise com base na teoria aqui utilizada.

## 2 RELAÇÕES DIALÓGICAS NA ÓTICA DE BAKHTIN E VOLÓCHINOV

Compreendemos, à luz da ADD, que os sujeitos se movimentam socialmente em uma esfera saturada de discursos/enunciados<sup>6</sup>, o que implica que o dito sempre faz menção a um já dito. Todavia, na interação discursiva, quando nos apropriamos de um já dito, mobilizamos, simultaneamente, ideologias, valorações e pontos de vista particulares. Convocamos, assim, outra expressividade discursiva, o que traz à cena novos sentidos. Em outras palavras, o discurso é sempre enunciado de modo único e irrepetível (BAKHTIN, 2011).

Considerando, portanto, a pluralidade de sentidos da língua, as proposições sobre o estilo depreendidas do pensamento de Bakhtin e de Volóchinov dizem respeito à individualidade do sujeito que fala ou escreve, e que é constituído a partir de seu(s) outro(s). Dessa maneira, o estilo, enquanto categoria discursiva, está ligado à seleção de recursos linguístico-textuais – semânticos, lexicais e gramaticais – que são escolhidos pelo enunciator/autor/sujeito em um determinado gênero do discurso. Nessa perspectiva, Volóchinov (2013) situa o estético da língua como uma variedade social e esclarece que

todas as enunciações se construirão precisamente com base em sua visão; suas possíveis opiniões e valorações determinarão a ressonância interna ou externa da voz – a *entonação* – e as *escolhas* das palavras e sua *composição* numa enunciação concreta (VOLÓCHINOV, 2013, p. 166, destaques do autor).

---

<sup>6</sup> A esse respeito, Bakhtin (2002) elucida que cada autor-criador (sujeito que enuncia/falante) possui um estilo próprio que é refletido e refratado na linguagem e determinado pelos campos discursivos das atividades humanas em uma interação verbal contextualizada. Nesse sentido, Bakhtin (2011) pontua que durante a interação verbal o autor escolhe determinados elementos estilísticos composicionais – mobilizados, discursivamente, em gêneros – em consonância com seu *projeto enunciativo*, seu *destinatário* (interlocutor) e o *horizonte social* dessa situação discursiva. É oportuno enfatizar que, segundo Bakhtin, as escolhas estilísticas do discurso são realizadas em sincronia com as nuances relativamente estáveis da unidade discursiva específica de determinados gêneros. Logo, “onde há estilo há gênero. [...] desse modo, tanto estilos individuais quanto os da língua satisfazem os gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 268). Em outras palavras, o estilo está visceralmente ligado ao enunciado e a sua forma, isto é, ao gênero discursivo.



Assim, do ponto de vista metodológico, o olhar analítico do estudioso do discurso, ancorado nos pressupostos da ADD, não deve apenas se deter, estruturalmente, nas disposições das unidades da língua, mas, sobretudo, nas nuances que prestam existência concreta ao enunciado, como assevera Bakhtin: “as formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo” (BAKHTIN, 2013, p. 23). Nessas condições, ainda que as palavras que os sujeitos enunciam já tenham sido habitadas por outras vozes e já estejam carregadas de múltiplos sentidos, ideologias, axiologias de outros, quando mobilizadas, linguisticamente, em um contexto<sup>7</sup> sócio-histórico específico, convocam uma forma estilística própria: eis a singularidade estética<sup>8</sup> da criação verbal – o estilo.

Uma categoria fundante e central no pensamento de Bakhtin é o dialogismo, que pode ser compreendido como um princípio da linguagem que pressupõe que todo discurso é concebido por outros discursos, mesmo que desencadeie sentidos distintos. Por sua vez, o conceito de relações dialógicas aparece de forma mais desenvolvida em dois escritos de Bakhtin: *Problemas da obra de Dostoiévski*, texto datado de 1929; e em sua edição revisada *Problemas da poética de Dostoiévski*, de 1963 (referida aqui a partir da edição de 2005). Nessas obras, Bakhtin desenvolve a tese do romance polifônico mediante análise de uma série de procedimentos discursivos que caracterizam a forma singular de Dostoiévski de conceber a dinâmica das vozes no processo criativo de elaboração de seus romances.

A noção, na verdade, constitui o esteio para a formulação de uma ideia maior, que constitui o verdadeiro objeto de estudo de Bakhtin nessa obra, mais particularmente, no capítulo 5 (“O discurso em Dostoiévski”), que é a noção de discurso bivocal, fenômeno discursivo em que a palavra é duplamente orientada: para o objeto do discurso como palavra comum e para um *outro discurso*, para o *discurso de um outro* (BAKHTIN, 2005, p. 212, destaques do autor). Bakhtin propõe uma taxionomia das diversas formas de manifestação da palavra bivocal e faz análise dessas formas nos romances de Dostoiévski.

Bakhtin formula o conceito de relações dialógicas à medida que reflete sobre o conceito de língua, não apenas entendida em sua dimensão *stricto sensu*, tal como pensada nos moldes da linguística

---

<sup>7</sup> Na visão de Volóchinov (2017), os sentidos atribuídos aos enunciados são intrinsecamente determinados por seu contexto na interação discursiva. Assim sendo, a palavra adquire um sentido em cada contexto situado, fato este que acentua a natureza polissêmica e dialógica da linguagem.

<sup>8</sup> Cabe ressaltar que, do ponto de vista metodológico, a noção de estilo da linguagem é um aspecto muito caro para a ADD, uma vez que o modo como o discurso é enunciado, ou seja, como o conteúdo temático é valorado, bem como o entorno da enunciação (extraverbal), são considerados elementos fundantes nas análises dialógicas do discurso.





saussuriana, mas a língua compreendida como discurso, isto é, como “[...] fenômeno integral concreto.” (BAKHTIN, 2005, p. 209). Nesse sentido, segundo Bakhtin, as relações dialógicas são extralinguísticas, isto é, elas se estabelecem numa dimensão que, sem obliterar o linguístico, o extrapolam, não se detendo apenas às particularidades sintáticas e léxico-semânticas que o constituem. Não se trata, conforme o autor, de relações lógico-semânticas, embora estas sejam inerentes às relações dialógicas, mas sim de um processo de interação entre pontos de vista de falantes diferentes. Nas palavras do autor,

As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. (BAKHTIN, 2005, p. 209, destaques do autor).

[...] o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada, caso esta não seja interpretada como palavra impessoal da língua, *mas como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvirmos nela a voz do outro*. Por isso, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialógicamente duas vozes [...]. (BAKHTIN, 2005, p. 210-11, destaques nossos).

Esse aspecto da “posição” é extremamente produtivo na conceituação proposta por Bakhtin, pois é nesse sentido que as relações dialógicas apresentam sua especificidade em relação às relações lógicas (ou concreto-semânticas). A dimensão dialógica nas relações entre os enunciados (língua viva, concreta, portanto, discurso) diz respeito a essa possibilidade de responder, de reagir ao discurso de outrem, ou seja, ao contato de posições enunciativas (axiológicas) expressas por sujeitos diferentes.

Bakhtin, no escopo dessa discussão, aponta ainda que as relações dialógicas são inerentes a qualquer esfera da comunicação humana, ou, como ele próprio afirma, “Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.) está impregnada de relações dialógicas.” (BAKHTIN, 2005, p. 209). Nesse sentido, no campo religioso, os enunciados também são constituídos mediante uma tessitura em que é possível observar a presença de posições axiológicas diferentes (às vezes, conflitantes, antagônicas), como veremos na análise dos dados do discurso dialógico do Sermão da Montanha.

Diante do apresentado, afirmamos que a definição de enunciado (e todas as demais a ele inerentes) pode ser mobilizada em reflexões acadêmicas acerca do discurso religioso, uma vez que, como vimos anteriormente, pensar em enunciado é pensar sobre uma forma de expressar as relações entre determinada enunciação e as condições sociais em que o texto foi produzido, ampliando, assim, as compreensões de sentidos possíveis da materialidade discursiva. O discurso religioso, enquanto





produção simbólica única e situada, é banhado por ideologias, axiologias, interações e historicidade (SOUSA, 2016). Nesse cenário, lemos o texto sagrado como enunciado concreto e singular.

### 3 UM OLHAR HISTÓRICO-IDEOLÓGICO SOBRE O SERMÃO DA MONTANHA

A princípio, considerando a relevância do contexto de produção para os estudos da língua em uso pelo prisma da ADD, temos como foco inicial situar o contexto de produção, a partir de três elementos, a saber: o auditório social, o cronotopo e os sujeitos da enunciação da narrativa empreendida no monte.

O Sermão da Montanha, um dos episódios mais conhecidos da narrativa bíblica, é considerado, de forma geral, pelos estudiosos da teologia cristã e das ciências das religiões, como o conjunto doutrinário que resume, brevemente, os preceitos – padrões e valores – necessários à vida cristã, isto é, que transmite a essência dos ensinamentos de Jesus, como acentuou o poeta e clérigo inglês John Donne (*apud* STOTT, 2011, p. 5, destaques nossos): “*Todos os artigos de nossa religião, todas os cânones de nossa igreja, todas as injunções de nossos príncipes, todas as homílias de nossos pais, todo o corpo de doutrinas estão contidos no Sermão da montanha*”.

Nesse sentido, o auditório social<sup>9</sup> da enunciação proferida por Jesus, ou seja, o contexto histórico no qual o Sermão foi enunciado, é composto por três campos sociais: teológico, político e religioso. Em se tratando do contexto bíblico, destacamos que o povo israelita, há mais de 400 anos sem comunicação direta com Deus, por meio de profetas, encontrava-se sob a égide do Antigo Testamento, aguardando a chegada do prometido Messias. Já do ponto vista político, o povo palestino almejava, mediante promessa do Antigo Testamento, o surgimento de um líder (Messias) que promovesse uma reforma política e que enfrentasse, militarmente, os líderes do governo romano (césares) a fim de libertá-los de seu domínio estatal, para além de aspirarem a melhorias financeiras.

---

<sup>9</sup> No que concerne ao pano de fundo religioso – conjunto de crenças e valores da época, era formado por distintos ramos religiosos que coexistiam em quatro grupos, a saber: fariseus, saduceus, essênios e zelóticos. Os fariseus consistiam em um grupo legalista/tradicionista que defendia, detalhadamente, os mandamentos, normas e práticas sociais proferidos na Lei de Moisés, obedecendo a eles e acrescentando-os, ainda, inúmeros direcionamentos. Já os saduceus, em contrapartida, eram, do ponto de vista de uso e costumes da época, liberais/imediatistas e ignoravam as normas estabelecidas e, até mesmo, alguns aspectos da lei mosaica, como o milagre, a existência da alma, a vida após a morte e a ressurreição. Os essênios, que compunham o terceiro grupo, apregoavam que a religião funcionava como uma separação total dos aspectos sociais e, assim, viviam em grupos isolados em lugares longínquos da sociedade, aspirando obter santificação a partir da distância do convívio social. Por fim, os zelotes podiam ser considerados os ativistas sociais da época. Para essa comunidade religiosa, participar de uma religião era ter uma postura militar revolucionária, nacionalista e, de certa forma, radical.



Levando em consideração a cronologia da narrativa do monte, baseando-nos no texto bíblico, este episódio encontra-se, cronotopicamente, no começo do ministério de Jesus, após os registros de seu batismo e tentação, posteriormente à escolha dos doze apóstolos, durante o período no qual o Messias percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas<sup>10</sup> e pregando o evangelho há muito tempo prometido no Antigo Testamento.

Nesta pesquisa, consideramos os evangelistas Mateus e Lucas como sujeitos da enunciação, pois estes se constituem autores dos livros bíblicos aqui estudados em que há a inscrição do Sermão da Montanha. Para Loyd-Jones (2017), a Lucas, culto historiador cristão do primeiro século, é atribuída a profissão de médico e de discípulo/colaborador<sup>11</sup> do apóstolo Paulo em grande parte de suas viagens missionárias, sendo ele – Lucas – o responsável por tratar das inúmeras enfermidades do apóstolo. Segundo esse estudioso, o Evangelho de Lucas fora escrito em grego por Lucas, em Antioquia, direcionado para os gentios<sup>12</sup> “entre os anos 60 e 80 d. C” (CHAMPLIN, 2014, p. 909). Vale também destacar que é creditada a Lucas a escrita do livro de Atos dos Apóstolos, como uma continuação de seu Evangelho, endereçado, especificamente, para um homem chamado Teófilo.

Mateus, cujo nome significa *dádiva do Senhor* (STOTT, 2011), foi um dos doze apóstolos de Jesus. Rico publicano que, antes de sua conversão religiosa, exercia a profissão de cobrador de impostos<sup>13</sup> do povo hebreu durante o período da dominação do Império Romano, na cidade de Cafarnaum. Ainda de acordo com Loyd-Jones (2017), este evangelho foi escrito em meados do ano 50 d. C., em língua grega, na região da Palestina, tendo, por base, embora sendo testemunha ocular na cena do monte, o Evangelho de Marcos. Acentuamos, apoiados por Geisler e Nix (2011), que no contexto sociocultural dos registros de Mateus, os judeus, assíduos frequentadores do Templo, reverenciavam, ainda, a Lei imputada por Moisés no Antigo Testamento.

De acordo com Stott (2011), os textos de Lucas e Mateus são considerados evangelhos sinóticos<sup>14</sup>, por narrarem, embora não cronologicamente, os registros dos episódios da vivência – fatos

<sup>10</sup> O recorte bíblico acentuado pode ser encontrado, de maneira geral, em Mt 4. 1-25, Mc 1.1-14, Lucas 3.- 4., Atos 28.

<sup>11</sup> 2 Tm 4.10-11 – “[...] Porque Demas me desamparou, amando o presente século, e foi para Tessalônica, Crescente para Galácia, Tito para Dalmácia. *Só Lucas está comigo.* At 28. 12-16 – “Aportando em Siracusa, ficamos ali três dias. Dalí partimos e chegamos a Régio [...] E depois fomos para Roma. [...] Quando chegamos a Roma, Paulo recebeu permissão para morar por conta própria, sob custódia de um soldado.”

<sup>12</sup> A expressão *gentio* é mobilizada para traduzir a palavra hebraica *goyim* ou *gojim* (singular - goj גוי, plural- גוים) que aponta que o sujeito não é judeu ou israelita. Dessa forma, os gentios eram considerados o povo que não era judeu (MCDOWELL, 2013).

<sup>13</sup> Mt 9.9 – “[...] saindo daí, Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado na coletaria de impostos, e lhe disse”: “siga-me! Ele se levantou e seguiu Jesus.”

<sup>14</sup> A expressão de origem grega “*synoptic*” denota o sentido de “junto com”, “ver em conjunto”. A respeito dos evangelhos escritos por Mateus, Marcos e Lucas, acrescentamos, aqui, que “Desde J.J. Griesbach (1776) se acostumbra a dar el nombre





e declarações – de Jesus, sobretudo seu ministério, de forma integrada, apenas com alguns detalhes peculiares, mas de forma substancialmente semelhante<sup>15</sup>. Diante do exposto, compreendemos, no decorrer da análise dos dados da pesquisa, as relações dialógicas empreendidas pela produção da narrativa do Sermão da Montanha. Nesse sentido, na nossa análise do *corpus*, tomamos como categoria os modos de enunciação do discurso de *outrem*<sup>16</sup>, relacionando-os às incidências *estilísticas* delineadas na materialidade discursiva dos evangelhos de Mateus e Lucas.

Do ponto de vista metodológico, considerando o princípio bakhtiniano de que é preciso compreender os enunciados em seus contextos específicos de comunicação verbal, elegemos o Sermão da Montanha por reconhecermos nele uma fecunda materialidade linguístico-discursiva que nos possibilita observar como esse discurso bíblico é construído a partir de remissões aos discursos de Jesus Cristo e das leis contidas no Antigo Testamento. Logo, pudemos constatar que os evangelistas, ao mobilizarem essa estratégia enunciativa – do discurso reportado – intuem legitimar os seus discursos, reportando-se ao dito por sujeitos que constituem referência da fé cristã.

Para tanto, com esse fito, elegemos três fragmentos que ilustram, concisa e sinoticamente, os nossos interesses metodológicos em descrever, pelo viés da compreensão dialógica, o dizer do outro na enunciação. Cabe ressaltar que os fragmentos apresentados a seguir fazem parte de um conjunto maior<sup>17</sup>, não podendo ser entendidos de forma isolada, visto que, como uma unidade discursiva, articulam-se, organicamente, como fios que engendram um mesmo tecido. Com isso, apontamos que esta fragmentação foi mobilizada apenas para fins de análise.

#### 4 RELAÇÕES DIALÓGICAS EM FRAGMENTOS BÍBLICOS

Nesta seção, apresentamos os fragmentos que compõem os dados desse artigo. Nesse sentido, os excertos do Fragmento 01 trazem enunciações que remetem o interlocutor ao contexto sócio-

---

de sinóticos a los tres más antiguos evangelistas, por mostrar tan amplias concordancias en la selección y ordenación del material y en la forma de su texto, y estar entre sí en una relación de parentesco estrecho...” (SCHMID, 1973, p. 23).

<sup>15</sup> Vale ressaltar que, para além das duas narrativas em destaque, o evangelho de Marcos também é considerado sinótico, sendo, assim, uma tríade sinótica. Desse modo, partimos aqui da concepção de que o enunciado bíblico é um espaço dialógico, de confronto de vozes, sócio-historicamente constituído por meio dos elementos culturais, ideológicos e religiosos. Feitas essas considerações, passamos à análise, propriamente dita, da materialidade discursiva em destaque.

<sup>16</sup> Convém destacar que os postulados do Círculo tratam desse aspecto tomando como *corpus* analítico excertos de textos pertencentes ao campo discursivo literário. No entanto, em se tratando do viés teórico-metodológico, não percebemos barreiras metodológicas que impeçam o *olhar dialógico* acerca desse funcionamento discursivo – discurso de *outrem* (reportado) – em outras manifestações da linguagem, como, na nossa investigação, onde nos debruçamos acerca de como o sujeito narrador, no processo enunciativo, se reporta à *plurivocalidade* característica fundante desse gênero.

<sup>17</sup> Como já apresentado, anteriormente, o conjunto discursivo do Sermão da Montanha é encontrado na íntegra nos evangelhos de Mateus (5 a 7) e Lucas (6. 17-49).





histórico situado, *relativamente estável* e prene de sentidos dialógicos, convocados com finalidades discursivas determinadas, a saber, a narrativa do Antigo Testamento, sobretudo o discurso mosaico, como veremos a seguir.

Fragmento 01	
Mt 5. 1-2	Lc 6. 17-20
Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou. Seus discípulos aproximaram-se dele, <sup>2</sup> e ele começou a ensiná-los, dizendo:	<sup>17</sup> Jesus desceu com eles e parou num lugar plano. Estavam ali muitos dos seus discípulos e uma imensa multidão procedente de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidom, <sup>18</sup> que vieram ouvi-lo e serem curados de suas doenças. Os que eram perturbados por espíritos imundos ficaram curados, <sup>19</sup> e todos procuravam tocar nele, porque dele saía poder que curava todos. <sup>20</sup> Olhando para seus discípulos, ele disse:

Fonte: Bíblia – Tradução Ecumênica (1994)

De acordo com Loyd-Jones (2017), o discurso da montanha, embora tenha o lugar específico de enunciação desconhecido, foi escolhido estrategicamente relacionado à lei de Moisés, que se tornou conhecida para os israelitas em uma montanha<sup>18</sup>. Assim, as narrativas de Mateus e Lucas sobre o Sermão da Montanha (proferido por Jesus) nos levam a inferir que a escolha de uma região montanhosa, tal como realizado no evento do Antigo Testamento, deixa implicada a promulgação de uma lei divina<sup>19</sup>. Partilhamos, assim, das mesmas inquietações de Santana e Francelino (2018, p. 240), os quais entendem que “Em se tratando do sujeito enunciativo Jesus Cristo, ele precisou estar de acordo com as condições emergentes do seu discurso. Comoalaria? De que formaalaria?” Estrategicamente, o sujeito enunciativo escolheu um local montanhoso porque simboliza a atualização do lugar sagrado, o que pode ser atestado nas narrativas hebraica e judaica, no Antigo Testamento bíblico. Champlin (2014, p. 351) menciona que “o próprio Deus fora comparado a uma montanha que cercava a cidade de Jerusalém, o que representa a proteção divina”.

Em se tratando do aspecto cronotópico em que se desenvolveu a narrativa da montanha, compreendemos uma relação dialógica entre os livros bíblicos do Antigo (Êx 20. 3-17 e Dt 5. 7-21) e do Novo Testamentos (Mt 5.7 e Lc 6. 17-49). Portanto, o conhecimento do espaço da narrativa é um

<sup>18</sup> Ex 19. 2-7 [grifos nossos] – “[...] Depois de saírem de Refidim, entraram no deserto do Sinai, e Israel acampou ali, diante do monte.<sup>3</sup> Logo Moisés **subiu o monte** para encontrar-se com Deus. E o SENHOR o chamou do monte, dizendo: “Diga o seguinte aos descendentes de Jacó e declare aos israelitas: <sup>4</sup>Vocês viram o que fiz ao Egito e como os transporte sobre asas de águias e os trouxe para junto de mim. <sup>5</sup> Agora, se me obedecerem fielmente e guardarem a minha aliança, vocês serão o meu tesouro pessoal dentre todas as nações. Embora toda a terra seja minha, <sup>6</sup> vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa. Essas são as palavras que você dirá aos israelitas”. <sup>7</sup> Moisés voltou, convocou as autoridades do povo e lhes expôs tudo o que o SENHOR havia lhe mandado falar.”

<sup>19</sup> De certa forma, Lucas e Mateus, no Novo Testamento, ao transcreverem novamente uma cena em que Jesus promulga ensinamentos em uma montanha, legitimam a valoração desse espaço como um lugar de enunciações de leis divinas. Os sentidos plurais desse espaço montanhoso configuram uma espécie de hierofania (ELIADE, 2013), ou seja, um horizonte que perpassa um processo de sacralização para proferimento daquelas palavras.



dos elementos metodológicos postulados por Bakhtin e Volóchinov, uma vez que a sua concepção propicia ao analista compreender as oscilações discursivas<sup>20</sup> que materializam nomações, valorações, pontos de vista.

Dessa maneira, descreve-nos Mateus que, “Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte [...]” (Versículo 1). Tal registro convoca o modo semelhante mobilizado por Moisés no Antigo Testamento – “Logo Moisés subiu o monte para encontrar-se com Deus. E o SENHOR o chamou do monte, dizendo: “Diga o seguinte aos descendentes de Jacó e declare aos israelitas” (Ex 19. 3). Porém, dessa feita, no relato de Mateus, o próprio enunciador reportado, Jesus, intitulou-se ser o Mestre e o Senhor, bem como pontuou sua própria interpretação da lei da Velha Aliança<sup>21</sup> (impetrada por Moisés), para além de apresentar novos direcionamentos, convidando o povo a submeter-se a seus ensinamentos.

Mateus, ao descrever a cena do Sermão da Montanha, demonstrou que Jesus, antes de fazer seu célebre discurso, *assentou-se* com os seus discípulos – “[...] Jesus subiu ao monte e se assentou [...]”. Isso implica que esse movimento de Jesus, apresentado no discurso do apóstolo cobrador de impostos, denota o sentido de formalidade, oficialidade da sua proclamação, uma vez que os ensinamentos ministrados em pé, de acordo com os preceitos rabinos da época, denotavam informalidade, em contrapartida com os ditos sentados com caráter de Lei (GEISLER; NIX, 2011).

Esse gesto corpóreo de sentar-se traduz um efeito de sentido, considerando o auditório social deste evento, cuja finalidade ocorre em função da socialização de leis divinas. Assim, lemos esse gesto como uma prática discursiva inerente às atividades sociais de eventos religiosos. Isso justifica o fato de Jesus, no episódio da montanha, colocar-se, do ponto de vista corpóreo, sentado, ênfase dada na narrativa de Mateus e Lucas e, dialogicamente, compreendida por nós nesta abordagem analítica. Logo, em concordância com os ritos legais da época, em que os grandes líderes se assentavam em demonstração prática da autoridade, Jesus se assenta para materializar sua autoridade discursiva, enquanto Mestre (MCDOWELL, 2013; CHAMPLIN, 2014).

---

<sup>20</sup> Nesse contexto, partindo das formulações da ADD, que concebem a linguagem em uma agenda histórico-sócio-cultural, percebemos uma relação dialógica no que tange à perspectiva cronotópica do espaço no episódio bíblico do Sermão da Montanha, descrito por Mateus e Lucas, remetendo-se ao já dito no evento discursivo de Moisés no Monte Sinai, em que o líder dos hebreus sobe, deliberadamente, à montanha, para receber de Deus os mandamentos e, posteriormente, dissertar e explicá-los ao seu povo. Nessa direcionalidade semântico-axiológica (SANTANA, 2019), os sentidos apreendidos da relação com o discurso de Moisés se concretizam em um rito de atualização e perpetuação da presença divina: o ato de se dirigir ao monte implica o encontro com Deus, uma vez que próprio templo de Israel fora erguido sobre um monte, a fim da perpetuação da adoração a Deus, conforme relato de profetas como Isaías (Isaías 30: 29) e Jeremias (Jeremias 13: 3,26). Percebe-se, então, uma arena de vozes em atos de concordância, uma vez que Jesus, ao proferir seu discurso em um monte, potencializa o que já vinha sendo falado por alguns líderes político-religiosos do Antigo Testamento, tais como Moisés, Isaías, Jeremias e Ezequiel.

<sup>21</sup> Entendemos a expressão “Velha Aliança” como sinônimo dos direcionamentos oficiais contidos no Antigo Testamento.



Faz-se pertinente inserir uma discussão outrora provocada por Santana e Francelino (2018) sobre a autoridade ligada a Jesus em decorrência de entrelinhas discursivas do N.T, em que é constante a diferença entre ser “mestre” e ser “religioso”. Na ótica dos pesquisadores, existem muitos religiosos da lei, como os fariseus, que, por mais que não fossem mestres, almejavam “os primeiros lugares nas ceias, as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e serem chamados de Rabi pelos homens” (Mt 23. 6-7)<sup>22</sup>.

Ainda sobre o Fragmento 01, constatamos que os enunciadores Lucas – “Jesus desceu com eles [...]”, “Olhando para seus discípulos, ele disse: [...]” (Versículos 17 e 20) – e Mateus – “Jesus subiu ao monte” [...] “e ele começou a ensiná-los, dizendo:” (Versículos 17 e 20) –, ao se reportarem, dialógicamente, a Jesus, legitimam o seu discurso a partir da figura de uma autoridade divina – o próprio filho de Deus<sup>23</sup>. Portanto, alguém que teoricamente não pode ser questionado, muito pelo contrário, a quem se faz necessário obedecer e seguir.

Depreendemos, a partir deste fragmento, uma das características mais marcantes no estilo discursivo enunciado por Lucas – o modo detalhado da enunciação do evento narrado. Nessa perspectiva, podemos notar a preocupação do narrador Lucas em detalhar o auditório social – “[...] Estavam ali muitos dos seus discípulos e uma imensa multidão procedente de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidom,<sup>18</sup>que vieram ouvi-lo e serem curados de suas doenças” (Versículos 17-18) – em detrimento da descrição do texto de Mateus – “Vendo as multidões” (Versículo 1).

Dessa forma, ao optar, estilisticamente, por esse modo de descrição – “Olhando para seus discípulos, ele disse” (Versículo 20) – ao se reportar ao discurso de Jesus, percebemos a preocupação do evangelista Lucas em apontar uma proximidade do Messias para com seu povo. Lucas, ainda, ao enunciar por três vezes o verbo “curar” com sentido de obtenção de milagre alcançado – “[...] vieram ouvi-lo e serem curados [...] imundos ficaram curados [...] porque dele saía poder que curava todos” (Versículo 18) –, enfatizado pela marca linguística pronominal de totalidade (todos), no sentido de pessoas em geral, revela sua intenção dialógica de promulgar, em larga escala, a existência do Messias esperado pelo auditório social em destaque.

---

<sup>22</sup> Para os judeus, o Mestre (Rabi), por ser um líder e por influenciar um grupo que lhe está conferido, está em uma posição social e sacerdotal mais elevada, como podemos alcançar no próprio discurso de Jesus em sua instrução aos discípulos: “Não é o discípulo mais do que o mestre...” (Mt. 10. 24a). O Sermão da Montanha constitui uma narrativa discursiva fecunda em ressonâncias dialógicas, o que nos permite afirmar que a construção enunciativa mobilizada neste episódio bíblico está imbricada, dialógico-discursivamente, no Antigo Testamento, sobretudo, em discurso proferido por Moisés.

<sup>23</sup> Jo 1. 14 – “Aquele que é a Palavra, tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade.” Jo 10. 30 – “[...] Eu e o Pai somos um.”





Estes traços estilísticos, implicados na narrativa de Lucas, denotam cuidado investigativo promovido pelo médico evangelista. De acordo com McDowell (2013), Lucas se empenhou em delinear uma escrita<sup>24</sup> ordenada e precisa, embasando-se em diversas fontes, a saber: registros históricos da sua época, testemunhos das pessoas que presenciaram os fatos, em destaque na sua narrativa, apóstolos e familiares de Jesus Cristo e, sobretudo, nos textos do Antigo e Novo Testamentos<sup>25</sup>. Em contrapartida, percebemos que o estilo de Mateus, em relação dialógica comparativa a Lucas, assume um discurso mais conciso, sendo esta uma de suas marcas estilísticas mais recorrentes, percebida, por exemplo, no Fragmento 1, em que o discípulo mobiliza, discursivamente, o substantivo “multidão” – “Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte” (Versículo 1) – com um sentido genérico de um grande agrupamento de pessoas, ao descrever o auditório social do evento em destaque, de diferente modo acentuado pelo historiador evangelista Lucas.

No próximo fragmento em análise, pudemos perceber que ecoam, de forma predominante, marcas linguístico-discursivas de natureza retórico-argumentativa.

Fragmento 02	
Mt 5. 43-48	Lc 6. 27-33
<p><sup>43</sup>Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame ao seu próximo e odeie o seu inimigo’. <sup>44</sup>Mas eu lhes digo: Amem seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, <sup>45</sup>para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o sol para os maus e os bons e derrama chuva sobre os justos e injustos. <sup>46</sup>Se vocês amarem aqueles que o amam, que recompensa vocês receberão? Até os publicanos fazem isso! <sup>47</sup>E se saudarem apenas seus irmãos, o que estarão fazendo demais? Até os pagãos fazem isso! <sup>48</sup>Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês.</p>	<p><sup>27</sup>Mas eu digo a vocês que estão me ouvindo: Amem os seus inimigos, façam o bem aos que os odeiam, abençoem os que os amaldiçoam, orem por aqueles que os maltratam. <sup>29</sup>Se alguém lhe bater numa face, ofereça-lhe também a outra. Se alguém lhe tirar a capa, não o impeça de tirar-lhe a túnica. <sup>30</sup>Dê a todo aquele que lhe pedir, e se alguém tirar o que pertence a você, não exija que o devolva. Como vocês querem que os outros lhe façam, façam também vocês a eles. <sup>32</sup>‘Que mérito, vocês terão, se amarem aos que amam? Até os ‘pecadores’ amam os que os amam. <sup>33</sup>E que mérito terão, se fizerem o bem àqueles que são bons para com vocês? Até ‘pecadores’ agem assim.</p>

Fonte: Bíblia – Tradução Ecumênica (1994)

Pudemos compreender, no Fragmento 2, que os sujeitos da enunciação, Mateus e Lucas, ao reportarem o discurso proferido por Jesus – Mateus – “Se vocês amarem aqueles que o amam, que recompensa vocês receberão? Até os publicanos fazem isso! E se saudarem apenas seus irmãos, o que estarão fazendo demais? Até os pagãos fazem isso” (Versículos 46-47) – e Lucas – “Que mérito, vocês terão, se amarem aos que amam? Até os ‘pecadores’ amam os que os amam. E que mérito terão, se

<sup>24</sup> Lc 1. 1-4 – “Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas.”

<sup>25</sup> Destacamos que Lucas teve como base, para sua narração, alguns escritos dos evangelhos do Novo Testamento, anteriores a sua narração, como <sup>Marcos</sup> e Mateus.





fizerem o bem àqueles que são bons para com vocês? Até ‘pecadores’ agem assim.” (Versículos 32-33) – utilizam-se de estratégias discursivas retórico-argumentativas que se reportam à fala de Jesus, principalmente, através do estilo de perguntas-respostas retóricas. Isso é feito para contrapor o modo de vida de seus interlocutores, conscientizando-os a não se portarem da forma como viviam, mas sim, a assumirem uma nova postura, por sua vez, desafiadora: amar os seus inimigos.

Entendemos, no Fragmento 2, que os sujeitos da enunciação Mateus e Lucas adiantam, de certa forma, as possíveis respostas que seu interlocutor poderia apresentar para contrapor o discurso deles. Desta forma, os enunciadores, por meio desse jogo retórico, avigoram, ainda mais, a impressão de um diálogo vivo e envolvem o interlocutor nesse duplo movimento dialógico-discursivo: “debate com perguntas e respostas”.

É relevante destacar que os enunciados concretos em destaque já trazem em sua forma arquitetônico-composicional a presença da marca interrogativa, que, semanticamente, expõe um teor assertivo, com acentuadas entonações axiológicas. Tal mecanismo funciona como estratégia para desacreditar, refutar o discurso de outrem (Lei promulgada por Moisés) convocado dialogicamente pela expressão adversativa “mas” – “<sup>43</sup>Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame ao seu próximo e odeie o seu inimigo’. <sup>44</sup>Mas eu lhes digo: Amem seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem [...]” (Versículos 43-44) – enaltecendo, assim, um novo ensinamento orientado por Jesus. Santana e Francelino (2018), ao analisarem o enunciado supranarrado em trabalho anterior, afirmam que

Ocorre, a todo instante, uma interação constitutiva entre o locutor e seus interlocutores, na medida em que o amor e a lei que os regem são ressignificados. A ideia de amar ao próximo e aborrecer aos inimigos se manifesta em diversas passagens do Antigo Testamento, mas aqui citaremos apenas três: Ex. 17, 14-16 (guerra do Senhor contra Amaleque de geração em geração), Dt. 7. 1-2 (é dada ordem por Deus para destruição total dos inimigos – heteus, girgaseus, amorreus etc.) e Dt. 23. 3-6 (amonitas e moabitas<sup>26</sup>) proibidos de entrar na congregação do Senhor, sem que Israel possa procurar paz com eles). (SANTANA; FRANCELINO, 2018, p. 240-241).

Nesse prisma interpretativo, os discursos em destaque constituem-se em oposição ao discurso imputado pela Lei mosaica<sup>27</sup>, que sugeria uma punição do mesmo tamanho da ofensa, ou seja, uma punição deveria ser orquestrada na mesma proporção do dano causado. Com esta estratégia discursiva

<sup>26</sup> Tanto os amonitas quanto os moabitas foram consequência de incesto (Gn. 19, 30-38) e receberam punição pelo descumprimento de uma postura de ajuda ao próximo, de não terem saído com pão e água para receber o povo de Israel no caminho (Dt. 23, 4).

<sup>27</sup> Ex 21. 22- 24 [destaques nossos] – “Se alguns homens brigarem, e um ferirem uma mulher grávida, e ela der a luz prematuramente, não havendo, porém, nenhum dano sério, o ofensor pagará a indenização que o marido daquela mulher exigir, conforme a determinação dos juízes. Mas se houver danos graves, então a punição será vida por vida. *Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé*”.

em destaque, Mateus atrai a atenção do seu interlocutor por meio do discurso axiologicamente reportado por Jesus, referindo-se aos antigos pressupostos promulgados por Moisés no Antigo Testamento, especificamente, no que diz respeito ao sentido do perdão.

Ainda nesse fragmento, depreendemos que Mateus, ao reportar-se ao discurso do Nazareno – “<sup>46</sup>Se vocês amarem aqueles que o amam, que recompensa vocês receberão? Até os publicanos fazem isso” (Versículo 46), convoca, dialogicamente, seu auditório social à imagem dos publicanos, com sentido de povo pagão, isto é, sujeitos sem vínculo religioso ao antigo Pentateuco. Ainda, pudemos perceber que a mobilização discursiva do operador argumentativo “até” postula uma valoração, de certa forma negativa, acerca dos publicanos, simbolizando que até mesmo aqueles que são muito orgulhosos são capazes de amar. Assim, constatamos que esse recurso estilístico convocado, provavelmente, foi acentuado de modo valorativo a fim de asseverar o jogo retórico-argumentativo em evidência.

Já em se tratando da materialidade discursiva, podemos verificar que a expressão enfática “até” demarca o tom emotivo-volitivo de Mateus, reportando-se a Cristo. Trata-se do que Bakhtin (2011) chama de o som peculiar do discurso: estar comprometido, analiticamente, a ouvir este som corresponde a considerar o uso da linguagem em seus aspectos linguísticos e extralinguísticos. É nesse sentido que entendemos a ênfase descrita por Mateus, pelo uso do “até”, como um exemplo didático-religioso, para seu auditório social, que consiste na seguinte explicação: o verdadeiro exercício de amar ao próximo possui sua efervescência quando se ama o distante, o desconhecido, o inimigo.

Considerando o contexto histórico do evento discursivo em estudo, esboçado anteriormente, compreendemos que a enunciação proferida no Sermão do Monte – “<sup>44</sup>Mas eu lhes digo: Amem seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem [...]” (Mateus – versículo 44) / “[...] façam o bem aos que os odeiam, abençoem os que os amaldiçoam, orem por aqueles que os maltratam. <sup>29</sup>Se alguém lhe bater numa face, ofereça-lhe também a outra [...]” (Lucas – versículos 28-29) – de certa forma, causou uma frustração nos israelitas. Assim, quando Mateus e Lucas se reportam a Jesus – figurando a pessoa do Messias – proferem um discurso com filiações ideológicas distintas da figura idealizada, ansiosamente, pelo povo de Israel, causando, a este auditório social, um sentimento de incompletude, uma vez que os israelitas ansiavam a chegada de um rei revolucionário, sobretudo, do ponto de vista sócio-político e militar.

No verso 44, um caso interessante para observarmos é o uso da conjunção adversativa “mas”, que reacentua o discurso de Jesus, prestando-lhe um ato contrastivo em relação aos discursos circundantes veterotestamentários. Assim, ao proferir enunciações contestatórias ao comportamento

dos sacerdotes da lei e de seus ajudantes, Jesus, após desconstruir a ideologia rabínico-farisaica, inaugura quatro novos mandamentos: 1. Amar aos inimigos. 2. Abençoar quem o amaldiçoa. 3. Fazer o bem àqueles que o odeiam. 4. Orar pelos perseguidores (SANTANA; FRANCELINO, 2018). Importante perceber que “se a justiça das pessoas não excedesse a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrariam no reino dos céus” (Mt 5. 20). Nesse processo de ressignificações enunciativas, Jesus introduz novos argumentos que não prestam *continuum* à práxis de grande parte das pessoas. Seria através desse horizonte ideológico via alteridade que se materializaria o amor, tanto diante de Deus quanto dos homens (At 24. 16).

Dando continuidade ao movimento analítico, passemos ao Fragmento 3, cuja inscrição neste artigo deriva de nossa discussão sobre o papel da nomeação valorativa do termo “hipócrita”, usado pelos evangelistas em destaque, reportando-se a Jesus na enunciação das bem-aventuranças e das leis no monte.

Fragmento 03	
Mt 7. 3-5	Lc 6. 41-42
<sup>3</sup> Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? <sup>4</sup> Como você pode dizer isso ao seu irmão. ‘Deixe-me tirar o cisco do seu olho’, quando há uma viga no seu? <sup>5</sup> Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão.	<sup>41</sup> Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? <sup>42</sup> Como você pode dizer ao seu irmão: ‘Irmão, deixe-me tirar o cisco do seu olho’, se você mesmo não consegue ver a viga que está em seu próprio olho? Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão.

Fonte: Bíblia – Tradução Ecumênica (1994)

Em se tratando do aspecto linguístico nesse fragmento, o uso semântico do vocativo (hipócrita) – “[...] Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão.” (Versículo 42) – denuncia uma carga semântica de negatividade, convocada, linguisticamente, para chamar, invocar ou interpelar um interlocutor real ou hipotético. Assim, vemos que Lucas escolhe esse vocativo no sentido de acentuar que, dentre os próprios seguidores de Jesus, é percebida a apreciação que nomeia, pejorativamente, de “hipócrita” seu auditório social. Verificamos um valor axiológico de depreciação, a fim de, enfaticamente, promover um embate que funciona como uma estratégia discursiva de provocar uma autorreflexão no interlocutor acerca de práticas de acusações ao comportamento alheio, do outro – “tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão.” (Versículo 42).

Entendemos, então, esse vocativo – “hipócrita” –, reportado por Lucas e Mateus, como um gesto acentuado, que denota, de modo enfático, uma valoração que surge no âmbito das estratégias



discursivas com a finalidade de impactar seus interlocutores, chamando-os à atenção por um nome que macula o outro. Logo, esse vocativo funciona, semanticamente, como uma característica que, negativamente, denigre, ofende, para além de possuir um tom valorativo muito agressivo que denota, enfaticamente, o caráter de rejeição.

De maneira geral, não pretendemos esgotar a abordagem analítica dos dados contidos neste artigo, em função da brevidade que esse gênero discursivo encerra. Em suma, o fio dialógico percebido na cena do monte, com base nos fragmentos analisados, tanto na descrição de Mateus como na de Lucas, é a imposição do padrão moral cristão sendo imputado para os interlocutores pelo discurso reportado de Jesus. Nesse sentido, o discurso convoca os sujeitos daquele contexto a se portarem de maneira distinta do padrão social estabelecido até então: “[...] não sejam iguais a eles, o Seu Pai sabe do que vocês precisam” (Mt 6. 8). Ressaltamos que este sentido está dialogicamente relacionado à mensagem enunciada, em Israel, pelo profeta Moisés, tempos atrás, no Antigo Testamento: “<sup>3</sup>Não procedam como procedem no Egito, onde vocês moram, nem como procedem em Canaã [...] nem sigam as suas práticas. [...]. <sup>5</sup>Pratiquem as minhas ordenanças.” (Lv 18. 3-5).

Depreendemos que, com base na nossa análise, provavelmente, a reincidência da menção discursiva à enunciação feita por Moisés, remetendo-se ao Antigo Testamento, se deu com a intenção de testificar o rompimento, até então, do silêncio de Deus<sup>28</sup>, assegurando, assim, que o Messias, Jesus Cristo, já habitava a terra e anunciara as boas novas ao seu povo que tanto o aguardava. Ou seja, as promessas de Deus no Antigo Testamento se cumpriam na pessoa de Cristo Jesus, o Rei dos Judeus (NICODEMUS, 2017).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere aos resultados, o Sermão da Montanha constitui uma narrativa discursiva fecunda em ressonâncias dialógicas, o que nos permite afirmar que a construção enunciativa mobilizada neste episódio bíblico está imbricada, dialógico-discursivamente, no Antigo Testamento, sobretudo, no discurso proferido por Moisés.

Assim, pudemos perceber que o olhar discursivo para esse sermão acentuou as concepções apregoadas pelo Círculo no que diz respeito à constituição humana por meio da linguagem – instância

---

<sup>28</sup> De acordo com Mcdowell (2013), os judeus, mediante promessa feita no Antigo Testamento, aguardavam, por mais de quatrocentos anos, o advento de um Messias com o propósito de restaurar Israel, que estava sob o domínio da Pérsia, Grécia e Roma.





viva e dinâmica – através da interação social, na qual os sujeitos passam a refletir e refratar o horizonte social – valores e princípios vigentes em sua comunidade – no sentido de que, com ela, o sujeito estabelece uma relação, essencialmente, dialógica, um elo inseparável com o arcabouço social que o concebe.

Em relação ao objetivo assumido – realizar um estudo que se debruça sobre as relações dialógicas percebidas na construção do Sermão da Montanha, sobretudo em função da maneira como os enunciados convocam discursos de outrem nas estratégias discursivas empreendidas pelos evangelistas Mateus e Lucas ao difundirem a mensagem cristã – concluímos que, de modo geral, como apresenta nossa análise, a estratégia de reportar-se a discursos de outrem é uma recorrência, uma vez que a categoria selecionada consistiu nas relações dialógicas, que são relações de sentido estabelecidas entre enunciados socio-historicamente situados. A partir daí esquematizamos uma breve sistematização dos sentidos evocados pelas estratégias discursivas autorais:

No Fragmento 1, Mateus reporta-se a vozes veterotestamentárias por movimento cronotópico mobilizado por Jesus no ato de seus ensinamentos em um monte. A convocação plurivocal é realizada de forma dialógica, da imagem da imputação divina da lei mosaica, bem como do gesto do sentar-se, fazendo menção à tradição rabina de imposição de leis no sentido de legitimar os ensinamentos enunciados.

No Fragmento 2, os enunciados analisados convocam o discurso de outrem a partir da estratégia discursiva, de cunho retórico-argumentativo, de se reportar à fala, tanto ao discurso direto de Jesus, quanto à menção à Lei promulgada por Moisés no Antigo Testamento, por meio do estilo de perguntas-respostas retóricas, para contrapor seus interlocutores e no Fragmento 3, o uso da expressão enunciativa “hipócrita” foi convocada, de maneira reportada diretamente a Jesus, a fim de valorar, axiologicamente, o discurso proferido.

Nesse sentido, ressaltamos, com base neste estudo, que a interação verbal, para além de ser dialógica por natureza, é marcada pelas reverberações de outros enunciados na cadeia da comunicação socioverbal – já ditos e/ou não ditos. Nesses termos, retomando Bakhtin, a palavra, no discurso, se banha de significados revestidos de entornos, de acentos valorativos e projeta-se para um interlocutor, estabelecendo uma relação social explícita com o sujeito enunciadador.



## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 13-210.
- BAKHTIN, M. O discurso em Dostoiévski. *In*: BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense, 2005. p. 207-310.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-270.
- BAKHTIN, M. Questões de estilística no ensino da língua. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 23-44.
- BAKHTIN, M. As formas do tempo e do cronotopo no romance. *In*: BAKHTIN, M. **Teoria do romance II**: as formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 11-15.
- BÍBLIA SAGRADA. **Tradução Ecumênica da Bíblia**. São Paulo: Editora Loyola, 1994.
- CALLIGARIS, R. **O sermão da montanha**. Rio de Janeiro: FEB Editora, 2015.
- CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia**. 12. ed., vol. 3. São Paulo: Hagnos, 2014.
- DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. O sétimo momento: deixando o passado para trás. *In*: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 80-96.
- ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano** – a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- GEISLER, N; NIX, W. **Introdução Bíblica**: como a bíblia chegou até nós. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 2011.
- LEITE, F. B. A utilização do método socioideológico para estudos em ciências da religião e em teologia. *In*: FRANCELINO, P. F.; COSTA, J. C. (org.). **Linguagem, discurso e religião**: diálogos e interfaces. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 9-31.
- LOYD-JONES, D. M. **Estudos no sermão do monte**. Tradução de João Bentes. São Paulo: Fiel, 2017.
- MCDOWELL, J. **Novas evidências que demandam um veredito**: Evidência I e II. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Agnus, 2013.



NICODEMUS, A. **Cristianismo descomplicado**: questões difíceis da vida cristã de um jeito fácil de entender. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

RENFREW, A. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2017.

SANTANA, W. K. F. de; FRANCELINO, P. F. A representação linguístico-discursiva de Jesus Cristo em seu sermão sobre o cumprimento do amor a partir do evangelho segundo São Mateus. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 45, p. 233-247, 2018.

SANTANA, W. K. F. de. Dialogismo em foco: variações semântico-axiológicas e sua aplicabilidade. *In*: SANTANA, W. K. F. de (org.). **Relações linguísticas e axio(dia)lógicas**: sobre linguagem e enunciação. João Pessoa: Ideia, 2019. p. 84-93.

SCHMID, J. **El evangelio según San Mateo**. Barcelona: Editorial Herder, 1973.

SOUSA, M. E. V. As astúcias do sujeito e o deslocamento dos sentidos. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v.14, n. 2, p. 288-293, 2016.

STOTT, J. R. W. **A mensagem do Sermão do monte**: contracultura cristã. São Paulo: ABU, 2011.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. Palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica (1926). *In*: VOLÓCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 71-100.

ZEILINGER, F. **Entre o céu e a terra**: comentário ao sermão da montanha (Mt 5-7). 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

*Artigo recebido em: 14/01/2020*

*Artigo aprovado em: 21/03/2020*

*Artigo publicado em: 25/05/2020*

#### COMO CITAR

LEAL, J. L. M.; SANTANA, W. K. F. de; FRANCELINO, P. F. O Sermão da Montanha em perspectiva dialógica. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-20, e02003, 2020.

